



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

DILEMAS DO NARRAR: ENTRE RELATAR A SI MESMO E CONTAR UMA HISTÓRIA SOBRE SI

Marcos Alexandre Gomes Nalli, mascosnalli@yahoo.com
Pamela Cristina Salles da Silva, pamelasalles@uel.br

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: O presente estudo adentra a questão do narrar questionando se seria uma ação diferenciada do contar. Parte dos distanciamentos e aproximações proporcionados pela linguagem cotidiana, indagando se esta ação seria uma expressão individual possível de ser modelada e finalizada. Buscando compreender o que seria contar uma história de si ou narrar a si mesmo. Há diferenciação nestas ações? Há alguma questão ética que estaria relacionada ao ato de contar uma história de si? Em companhia de Judith Butler e Jerome Bruner podemos afirmar que quando contamos uma história sobre nós mesmos precisamos reconhecer que não estamos sós.

Palavras-chave: Contar histórias; Narrar; Psicologia; Ética; Subjetivação.

Introdução

Em nossa linguagem acabamos por entender como sinônimos, os termos relatar, narrar e contar. Porém, ao iniciarmos a fala sobre nós mesmos acabamos por construir uma história que foge de uma narrativa linear, cheia de lapsos, repleta de referências à outras pessoas e principalmente, recheada do que achamos que deve ter acontecido ou do que nos disseram que aconteceu quando éramos pequenos. Todavia a cena muda se a convocação para falarmos de nós mesmos ou sobre o tenhamos feito, tenha partido de uma entidade jurídica ou policial, pois para esses, o relato deve ser fiel à “realidade dos fatos” para que possam “ter certeza da verdade” e promover a lei.

Muitas vezes, a narrativa, que pode ser ficcional ou não, estaria relacionada a uma sequência, com enredo, personagens, cenário, etc, começo, meio e fim. Ambos tendo algum ponto de contato com a escrita do que é dito ou pensado. Por outro lado, o contar estaria mais vinculado a uma situação de conversa cotidiana, na qual não se requer nenhuma forma rígida, e nem mesmo vínculo com a escrita, de tal forma que



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

nesta ação acontecem variações específicas da oralidade, os gestos também complementam a ação, assim como lapsos, silêncios e interferências de quem ouve.

Porém, quando nos propomos a falar de nós mesmos, seja para si ou para os outros, acabamos por sentir o impacto destas concepções e usos da linguagem na qual estamos imersos. Mas, como um ato aparentemente individual ou singular, “minha história” ou “o que sou”, é possível diante desta realidade? Quais contornos o delineiam? Neste estudo, buscamos compreender a narrativa enquanto ação cotidiana em cada vivência, mas que em geral não recebe tanta atenção. Trata-se de um estudo inicial, já que abordar a narrativa de si ou o contar uma história sobre si enquanto dilema, nos possibilita iniciar o percurso reflexivo mais amplo, ao qual nos propomos com a pesquisa sobre a contação de histórias observada pela perspectiva daquele que conta, o contador de histórias, ainda em execução.

Procedimentos metodológicos

Decorrente da etapa bibliográfica da pesquisa citada, este estudo apresenta duas das leituras reflexivas realizadas dentro do parâmetro temático utilizado: Narrativa e Contar histórias. Uma vez que a “pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima & Miotto, 2007, p. 38). Tais textos foram escolhidos como definitivos para a etapa bibliográfica da pesquisa, sendo que o presente estudo apresenta o resultado inicial das leituras reflexivas. “Momento de compreensão das afirmações do autor e do porquê dessas afirmações” (Lima & Miotto, 2007, p. 38).

Resultados e Discussão

Para Judith Butler (2017) o relato de si mesmo se diferencia do contar uma história sobre si. Pois no primeiro haveria uma tentativa de retomar as origens da existência do “eu”, de conseguir dizer o que se é e o que não se é, de maneira a justificar-se diante dos outros. Movimento este que tenderia a forçar a construção de um relato linear, uma narrativa, de algo que quando ocorreu independia do próprio



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

“eu”.

Requerer que alguém relate a si mesmo de maneira contínua, que seja transparente, é negar que há algo que escapa ao conhecimento do “eu”. É adentrar uma violência ética. Já que seu próprio surgimento ocorre por uma complexa relação com o outro, sendo que nada é apenas do “eu”, de maneira isolada ou independente. Há sempre uma opacidade inerente e não uma transparência. Surgimos imersos na relação com o outro, assim, o ser ético estaria na aceitação desta condição relacional inerente, na opacidade e com ela a despossessão do “eu” enquanto algo autossuficiente. Mas o que seria esta despossessão do “eu”? Para Butler (2017), a posse do “eu” é definida como um conjunto de atributos que são relacionamos ao “eu” com a intenção de gerar uma identidade. Como aquelas características que acreditamos que nos diferenciam dos outros, qualidades, predicatos que afirmam ou negam algo de si, objetos, e as próprias narrativas (enquanto modo linear e finalizado de explanação). A despossessão do eu, isto é, o “abrir mão destas verdades sobre si”, possibilitaria a abertura crítica necessária a uma postura ética.

O “eu” não é capaz de falar de si mesmo sem recorrer ao outro, pois não tem sua própria posse – embora imagine que tenha – ele está numa relação contínua com o outro. Se não há a possibilidade de um relato de si mesmo sem que necessitemos de um outro. Se também não há a possibilidade de uma narrativa completa. O que podemos fazer é contar uma história sobre si? Ao que parece é esta a distinção feita por Butler (2017), enquanto referência ao fato de que haverá o surgimento de uma versão, e não de uma verdade absoluta, linear e inegável, mas simplesmente uma versão sobre o “eu”. Conforme afirma a autora: “Eu sempre recupero, reconstruo e encarrego-me de ficcionalizar e fabular origens que não posso conhecer” (Butler, 2017, p. 55).

Na tentativa de adentrar esta facticidade das condições de meu surgimento acabo por falar enquanto um “eu” narrativo. Assumo o “outro em mim” para tratar dos significados que pode ter estar exposto ao outro, como foi ser este corpo na esfera íntima ou pública, ou mesmo tratar das normas do discurso a que fui submetida, como as apreendi, quais foram imeditamente incorporadas, quais não foram, o que penso



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

delas, etc. De tal forma que esta “minha” história não poderá assumir uma forma narrativa completa, isto é, estará sujeita a todos os percausos, interrupções e desconexões inerentes a própria condição do surgimento do “eu” (Butler, 2017).

Jerome Bruner (2014), questiona para que serviria falar sobre si mesmo, seja para outros ou para nós mesmos, e alega que esta necessidade de contar uma história se daria no esforço de elucidar o que entendemos por “eu”. Uma vez que esse não se trata de “um eu que já está lá sentado, pronto para ser descrito em palavras” (Bruner, 2014, p. 74). Desta forma estaríamos constantemente construindo nossos eus a medida que vamos nos deparando com novas situações, uma ação pautada tanto nas memórias do passado quanto nas expectativas de futuro. Seria como fabricar uma história sobre quem somos, mas, seria uma história contínua com atualizações e desatualizações, sempre adequada a novas circunstâncias de autoconstrução do “eu”.

Enquanto Butler(2017) afirma a impossibilidade de relatar a si mesmo convocando a inexistência de uma autossuficiência do eu, lembrando que a narrativa é uma construção ficcional de algo que não pode ser “retomado”, Bruner (2014, p.75), afirma que “a criação do eu é uma arte narrativa”. Enquanto autoconstrução ela se apresenta maleável e com uma extensa margem de possibilidades de expressão, fato que a posicionaria como um meio para estabelecer nossa singularidade – para nosso entendimento de quem somos diante do outro (Bruner, 2014).

Porém, parece que ambos os autores concordam em um ponto, o de que “o eu também é um outro” (Bruner, 2014, p.76). Desta forma o relatar a si mesmo de Butler enquanto contar uma história sobre si, a nosso ver, se aproxima da construção de si ou a narração de si, que Bruner (2014) explicita, pois ambos possuem a característica principal de configurarem-se como uma ação pública (mesmo que diante do outro imaginado). Situam que ao me expor contando uma história sobre mim esta exposição também colabora para a minha construção de “eu”.

Será esta exposição ao outro, e suas consequências, que possibilitará que o contar uma história sobre si, enquanto uma autoconstrução contínua, seja também um exercício de constante equilíbrio entre a autonomia e compromisso. Uma vez que



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

“ela deve, por um lado, criar uma atmosfera de autonomia, persuadir-nos de que alguém tem vontade própria, uma certa liberdade de escolha, um certo grau de possibilidades. Mas também deve relacionar o eu a um mundo repleto de outros: a amigos e família, a instituições, ao passado, a grupos de referência” (Bruner, 2014, p. 89).

De tal forma que “ o “eu” não pode efetivamente ser separado da impressão da vida social, então a ética certamente não pressupõe apenas a retórica (e a análise do modo de interpelação), mas também a crítica social” (Butler, 2017, p. 171). Neste ponto a autora afirma a importância do desconhecido que é o encontro com o outro e em certa medida se aproxima do que Bruner (2014) fala da constante autoconstrução do eu: “Talvez seja mais importante reconhecer que a ética requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de nos tornarmos humanos” (Butler, 2017, p. 171).

Conclusões

Estar disposto, ou mesmo ser levado a contar uma história sobre si mesmo, posiciona o sujeito numa relação com o desconhecido, levando-o a confrontar os limites de sua individualidade e singularidade, proporcionando-lhe a oportunidade de reconhecer o outro e com isso adentrar uma postura ética. A crença em uma narrativa autossuficiente e completa o distancia desta possibilidade, se aproximando de uma violência ética (Butler, 2017).

Logo, abordar a questão de contar uma história sobre si mesmo, é também adentrar uma questão ontológica, “a história única estereotipada ainda impõe um enrijecimento ontológico sobre nossas várias versões de mundo real” (Bruner, 2014, p. 113). Situação que acaba por centrar a atenção não nas interconexões de sua história com o mundo e os outros, muito embora elas estejam presentes, mas nos feitos narcísicos do “eu” ou na culpabilidade deste. Em uma construção na qual seu



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

“ser” estaria em evidência, mas que nega a dependência e vulnerabilidade que marcam seu surgimento e continuidade.

Sendo assim, não se trata de verdade ou falsidade, quando falamos de contar uma história sobre si, mas de admitirmos os limites inerentes de nossa condição humana: que não é possível uma narrativa completa, mas sim uma narrativa em construção, muitas vezes permeada do que não é narrável; o outro também faz parte do que conto sobre mim; “nossa história” não será a última, ou a melhor; uma vez que o “eu” não é autossuficiente e nem mesmo está isolado do mundo social, sua história também será, de alguma forma, a história desta relação.

Referências

- Bruner, J. (2014). *Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida*. São Paulo: Letra e Voz.
- Butler, J. (2017). *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lima, T. C. S. de, & Mito, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(esp), 37–45. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>